

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Pró Reitoria de Extensão da UFRRJ
Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social
Curso de extensão em Direitos Humanos

QUEM CONHECE E RESPEITA NÃO TEM MEDO

Trabalhando preconceito e
discriminação nas escolas

Contato: lapssorural@gmail.com



APRESENTAÇÃO GERAL

O projeto tem como objetivo geral ouvir e trocar experiências de forma a mudar atitudes, repensar comportamentos, propor ações efetivas de multiplicação e dar apoio aos docentes no combate ao preconceito e a discriminação na escola. Além de estimular o livre pensar e a autonomia do sujeito em sua capacidade de subjetivar o racismo e o preconceito e valorizar experiências e desafios no enfrentamento desse grave problema social que ameaça os Direitos Humanos de grupos minoritários no Brasil.

Assim, objetiva-se estimular atividades de sensibilização e enfrentamento acerca do preconceito e da discriminação nas escolas, contando com a ampla participação de toda comunidade escolar. E, com isso, promover a garantia dos Direitos Humanos, o exercício da cidadania e a transformação social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - PROEXT/UFRRJ, que através do edital de seleção pública para o programa de bolsas institucionais em projetos de extensão em Direitos Humanos tornou este curso uma realidade, bem como este e-book.

Também agradecemos ao Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social - LAPPSO/UFRRJ coordenado pela Professora Dr^a Luciene Alves Miguez Naiff e o Professor Dr^o Denis Giovani Monteiro Naiff.

Agradecemos às palestrantes Dara Sant'Anna, Julia Aquino, Letícia Barcellos e aos palestrantes Aureliano Lopes e Lohan Barcellos pela grande contribuição. Também aos mediadores e membros da equipe organizadora do curso Mariana Cruz, Caroline Lisboa, Israel Cerqueira, Ana Rosa, Carolina Ramos, Tatiana Lyra e Thamís Moreira.

PALESTRANTES

Dara Sant'Anna Carvalho Ignacio foi nossa palestrante na primeira aula sobre Racismo. Dara é coordenadora nacional do Coletivo de Juventude Negra ENEGRECER, graduanda em Direito pela Universidade Federal Fluminense, a UFF, foi diretora de Combate ao Racismo da UNE e membro do Conselho Nacional de Combate ao Racismo entre 2017 e 2019.

Contatos: darasantanna@id.uff.br
[@dara.santanna](https://www.instagram.com/dara.santanna) (Instagram)

Julia Marcia de Aquino Rafael participou da segunda aula palestrando sobre Capacitismo e vivência PcD. Julia é graduanda em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é criadora de conteúdo e militante nas causas das pessoas com deficiência.

Contatos: j.marciarafael@gmail.com
[@xuliaaquino](https://www.instagram.com/xuliaaquino) (Instagram)

PALESTRANTES

Letícia Barcellos Castelar Vieira também participou da aula sobre Capacitismo, em conjunto com Julia Aquino, palestrando sobre Inclusão e História da Educação Inclusiva. Letícia é graduanda em Psicologia pela UFRRJ, formada em Inclusão pela UFRRJ, Instituto Superar e Instituto Politécnico de Leiria, e também é aluna-bolsista do presente projeto.

Contato: lbarcellosc@gmail.com

Indicação: @militapcd (Instagram)

Aureliano Lopes da Silva Junior é doutor em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ, professor adjunto do DEPSI da UFRRJ, pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Subjetividades e Instituições em Dobras (GEP SID), também do LEPEDI - Laboratório de Estudos e Pesquisa em Educação, Diversidade e Inclusão/UFRRJ. Ele palestrou sobre LGBTfobia na terceira aula.

Indicações: @lepedi.ufrrj (Instagram)

<http://lepedi-ufrrj.com.br/>

<http://clam.org.br/>

PALESTRANTES

Indicações: http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/GDE_2.pdf

www.e-clam.org/downloads/DE_VOL1versao_final082009.pdf

<http://www.e-clam.org/downloads/Caderno-de-Atividades-GDE2010.pdf>

Contato: aurelianolopes@gmail.com

Lohan Leite Barcellos é psicólogo clínico, formado em Práticas Grupais em Saúde pela ESPSVJ - FIOCRUZ, professor na Associação de Pais e Responsáveis do Colégio Militar Brigadeiro Newton Braga, também no Instituto Politécnico de Saúde IPS/ABACO. Lohan foi palestrante na aula sobre Masculinidades.

Contato: thelohanpsicologia@gmail.com
@lohanpsicologo (Instagram)
CRP 05/58158

DEFINIÇÕES

A seguir apresentaremos breves definições sobre os temas trabalhados em nosso curso de extensão, respectivamente: Racismo, Capacitismo, LGBTfobia e Masculinidades.

Uma das autoras utilizadas como referência em nossa primeira aula foi Nilma Lino Gomes, a qual traz caminhos para uma educação antirracista através da Lei 10.639/03. Ela apresenta o **racismo** como um comportamento, uma ação de aversão em relação a pessoas que têm um pertencimento racial observável por meio da cor da pele, cabelo e outros traços. Por outro lado, o racismo também pode ser um conjunto de ideias e imagens referentes a grupos sociais que acreditam na existência de raças superiores e inferiores (GOMES, 2005).

Gomes (2005) também nos traz outras duas formas de racismo: individual e institucional. Na forma individual, o racismo se manifesta através da discriminação cometida entre os indivíduos, podendo atingir níveis extremos de violência, agressões,

destruição de propriedades e bens e até mesmo assassinato.

Gomes (2005) descreve a forma institucional do racismo como algo que implica em práticas de discriminação sistemáticas fomentadas pelo Estado, ou que são indiretamente apoiadas por ele. Tais práticas manifestam-se sob a forma de isolamento de sujeitos negros em certos bairros, escolas e empregos. Também surgem nos livros didáticos, quando estes apresentam personagens negros com imagens deturpadas e esteriotipadas, na falta de representatividade e na falta da história positiva do povo negro.

Apesar de poucos estudos em Psicologia Social considerarem a **deficiência** como uma categoria de análise, esta também deve ser incluída, visto que também está sujeita a formas de preconceito e discriminação.

Aqui, tomaremos a definição de **capacitismo** levantada por Ivanovich e Marivete (2020), as quais o entendem como "uma atitude que diferencia e desvaloriza pessoas com deficiência por meio da avaliação da capacidade corporal e/ou cognitiva".

Ainda de acordo com o artigo de Ivanovich e Marivete (2020), há pouco consenso sobre o que constitui a prática capacitista, entretanto há um certo acordo sobre uma crença do capacitismo que acredita em um caráter inerentemente negativo da deficiência, onde os sujeitos que a experimentam são incapazes e devem ser curados ou melhorados. Tal crença parte de um ideal normativo dos corpos, o qual é compulsório, e parte da convicção e do desejo de corpos iguais. Isto tem como resultado uma resistência por parte da sociedade em considerar corpos com deficiência como formas distintas de ser humano, igualmente válidas.

O capacitismo está nas ideias, nas práticas e relações sociais que acreditam em um ideal de corpo capaz, todavia, este ideal não crê no corpo com deficiência como tal, e o põe à margem social, passível de invisibilização. O capacitismo também faz com que pessoas com deficiência sejam tratadas como incapazes de frequentarem os mesmos espaços escolares e aprenderem em conjunto com pessoas sem deficiência, trabalharem, cuidarem, serem desejáveis e desejantes.

O termo **LGBTfobia** ainda é pouco encontrado na literatura, e a própria sigla passa por diversas mudanças e inclusões, porém aqui usaremos a sigla **LGBT+**, **homofobia** e **transfobia**.

De acordo com a revisão sistemática realizada Martins et al. (2020) o termo **homofobia** pode referir-se a um sentimento hostil ou de repulsa contra indivíduos que expressam desejos por pessoas do mesmo sexo, ou que, pelo menos, apresentam essa possibilidade. No demais, a **homofobia** também presume uma ordem sexual calcada em uma hierarquia entre as sexualidades que justificaria um "tratamento diferenciado" para gays, lésbicas e bissexuais, inclusive no que diz respeito aos acessos a direitos comuns a heterossexuais.

Tanto a **homofobia** quanto a **transfobia** são, por vezes, aprovadas e reproduzidas nos ambientes escolares, tanto entre estudantes, quanto entre professores, coordenadores e gestores, o que é capaz de produzir um sujeito oprimido e invisibilizado. Elas também se desenvolvem a partir da perspectiva de uma autoridade sujeitos heterossexuais e cisgêneros (MARTINS et al., 2020).

Dessa maneira, tanto a homossexualidade quanto a bissexualidade, a travestilidade e a transexualidade, de acordo com Martins et al. (2020), são tratadas como se fossem doenças transmissíveis, capazes de gerar novos sujeitos insalubres, por isso o ambiente escolar cria uma resistência em demonstrar empatia a sujeitos LGBTQ+.

Em nosso último encontro, abordamos as **masculinidades** e também o conceito de masculinidade hegemônica, e como a escola é uma instituição reprodutora e atualizadora das noções de masculino e feminino. Segundo Maia (2020) "a construção da masculinidade é um tópico que se alicerça desde a infância [...] e a jovem criança passa a aprender o que é e como é ser homem".

O aprendizado se dá por meio da violência, por via de regra, onde a violência é direcionada a si mesmo e ao próprio corpo em primeiro. O corpo é domesticado, os gestos e tom de voz são controlados e a habilidade nos esportes de força e alto desempenho é treinada, como forma de adequar-se ao suposto mundo masculino (MAIA, 2020).

A masculinidade hegemônica incorpora tudo aquilo que não é feminilidade, e pode ser lida como uma combinação entre a diversidade de masculinidades e uma hierarquia entre elas com metas inalcançáveis, mas ainda assim estimuladas a serem perseguidas de forma exaustiva (MAIA, 2020).

Assim, todo menino ou homem que não incorpora os valores da masculinidade hegemônica é rebaixado a uma relação de subordinação e considerados como falhos (MAIA, 2020).

Como complemento, Toledo e Carvalho (2018) explicam que "as práticas de masculinidade envolveriam a subordinação das mulheres aos homens [...] e subordinação entre os homens em articulação com outras estruturas de poder, como classe, raça e nacionalidade".

ENCAMINHAMENTO



Este e-book foi composto pela síntese das respostas dos alunos do curso "Quem conhece e respeita, não tem medo: trabalhando preconceito e discriminação nas escolas", ocorrido entre os dias 25/02/2021 e 25/03/2021 durante 5 encontros online com os respectivos temas: Racismo, Capacitismo, LGBTfobia e Masculinidades.

Esta consulta final foi feita via Google Forms após a aula de encerramento, ao fim de todas as aulas e palestras do curso de extensão. As respostas foram somadas aos relatos dos cursistas em aula e sintetizadas neste e-book.

Novamente agradecemos pela participação dos cursistas, palestrantes, mediadores e toda equipe organizadora pelo sucesso e conclusão do curso. Seguiremos juntos na luta contra toda forma de preconceito e discriminação!

O QUE PODE SER FEITO NA ESCOLA?



1) Incluir no Plano Político Pedagógico e nos currículos de forma interdisciplinar, desde a educação infantil, sensibilizando professores e funcionários da unidade:

A) Utilizando palestras, eventos, teatros, café literário, sessão pipoca, feira cultural, gincana, participação do grêmio estudantil, rodas de conversa, leitura ou introdução a literatura, catálogo de autores trabalhados em sala de aula, saraus e oficinas.

2) Palestras e assessoria de ativistas, militantes, profissionais de diversas áreas, pesquisadores com intenção de diminuição de preconceito.

3) Dinâmicas de leitura e debates, estudos de caso, depoimentos, relatos de experiência, documentação, manual de boas práticas práticas docentes, portfólios e filmes.



EXEMPLO

Relato dado por uma cursista professora de uma escola pública de São Paulo:

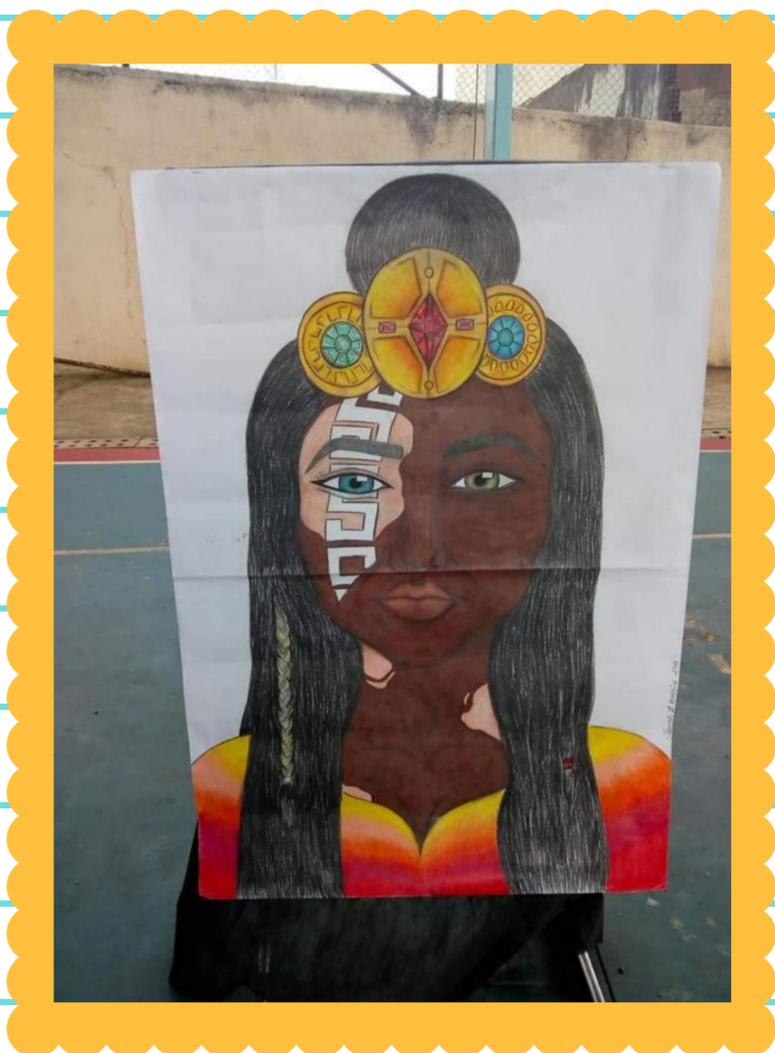
"Em 2019, minha unidade escolar montou para o segundo semestre um cronograma de atividade entre as áreas do conhecimento. Para ciências humana, a qual era representante, trabalharia a sensibilização sobre a temática do Racismo. Aos professores de linguagem foram selecionados textos que demonstravam a prática racial, já os de exatas ficaram responsáveis de apresentar o grafismo negro e indígenas. O cronograma de agosto a novembro foi apertado, mas resultou uma excelente culminância em formato de Sarau, chamado: 'Aquarela: ato de resistência'."



EXEMPLO



Relato dado por uma cursista professora de uma escola pública de São Paulo:

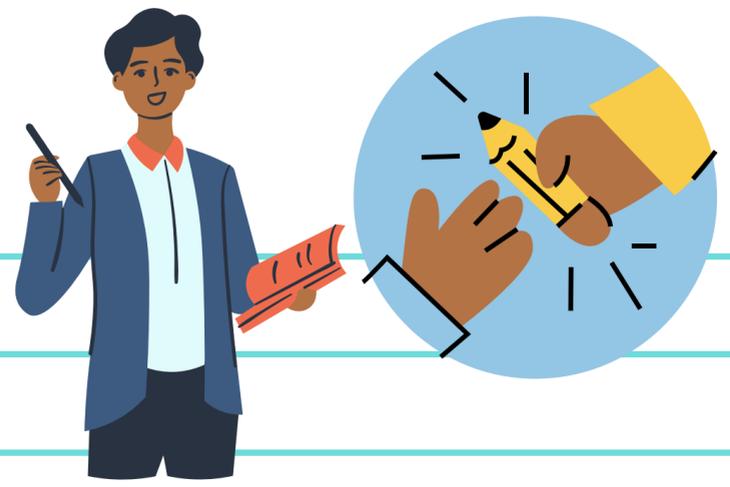


Arte produzida por alunos da referida unidade escolar.

Participante do sarau "Aquarela: ato de resistência"



QUAL O PAPEL DO PROFESSOR?



1) Papel ativo de mediador e difusor de informações qualificadas sobre esses temas.

2) Papel de escuta atenta e cuidadosa das percepções, pensamentos e esteriótipos trazidos pelos alunos pra ressignificação de conceitos junto com eles.

3) Mediação, facilitação e promoção de atividades.

4) O professor precisa de constante formação desde a universidade e se mantendo durante sua atuação para lidar com temas emergentes na vida social.



QUAL O PAPEL DA PSICOLOGIA?



1) Psicólogos atuando nas escolas, ainda que em palestras e dinâmizações.

2) Psicologia atuando de forma direta (palestras, encontros, reuniões) ou indireta (produzindo cartilhas, material de apoio, pesquisas ou em atividades de extensão) de forma a ajudar a comunidade escolar no enfrentamento ao preconceito e a entender as temáticas acima abordadas e outras que aparecerem.

3) A Psicologia pode ajudar a adaptar a mensagem a ser passada, o conhecimento a ser trabalhado de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo de cada faixa etária.

4) Ajudar na forma de abordagem e reconhecimento de problemas decorrentes do bullying e de comportamentos discriminatórios, criando, junto a comunidade escolar, maneiras de lidar com quem sofre a discriminação e com quem provoca.

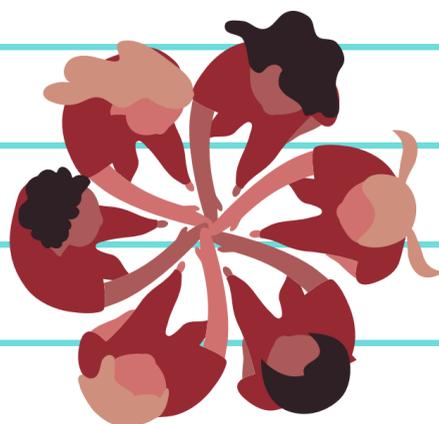
QUAL O PAPEL DA PSICOLOGIA?



5) Profissionais da Psicologia na escola compondo a equipe técnica e de forma permanente também foi relatada.

"A escola é um espaço onde o naturalizado e tido com incontornável pode ser confrontado por pedagogias dispostas a promover diálogos, releituras, reelaborações e modos de ser, ver, classificar, agir mais criativos. Um local onde táticas criações de práticas de vida podem ensejar invenções de formas de conviver, ensinar, aprender em favor da reinvenção e a dignificação da vida."

Rogério Diniz Junqueira em "A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro."



SUGESTÕES DE TEMAS IMPORTANTES PARA A ESCOLA



1) População indígena

2) Parentalidades e paternidade de forma transversal a discussão de masculinidades

3) Questão socioeconômica como um atravessamento de todas as temáticas

4) Regionalismos

5) Cultura do cancelamento

6) Depressão, mutilação, abusos psicológicos

7) Suicídio

8) Desaparecimento de crianças e adolescentes

9) Relação família - escola

10) Feminilidade/ Africanidades e relação corpo-território

11) Transtornos de aprendizagem

CRÉDITOS

Aqui damos créditos a professora do Ensino Fundamental II de Geografia Luciana Priscila de Barros Carvalho de Sousa da Escola Estadual Cônego Cyríaco Scarnello Pires, localizada no município de Monte Mor/SP, a qual nos compartilhou sua experiência com o Sarau Aquarela da resistência. Luciana orientou a atividade em conjunto com a professora de História do Ensino Médio Marisa Santos, da mesma unidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.

Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal, v. 10639, n. 03, p. 39-62, 2005.

IVANOVICH, Ana Carolina Friggi; MARIVETE, Gesser. Deficiência e Capacitismo: correção de corpos e produção de sujeitos (a) políticos.

Quaderns de Psicologia, v. 22, n. 3, p. 12, 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line PUC Rio de Janeiro**, n. 10, p. 64-83, 2012.

MAIA, Gustavo Favini Mariz. O papel da bissexualidade na construção da identidade masculina. **Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, v. 6, p. 621-642, 2020.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires et al. Enfrentamentos ao

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

bullying homofóbico na escola: convite para uma reflexão. **Temporalidades**, v. 12, n. 1, p. 681-701, 2020.

TOLEDO, Cinthia Torres; CARVALHO, Marília Pinto de. Masculinidades e desempenho escolar: a construção de hierarquias entre pares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 169, p. 1002-1023, 2018.